

UM REPUBLICANO



A República marcou a vida de Euclides e Euclides a da República mais do que qualquer outro escritor brasileiro.

Jovem cadete da Escola Militar, pratica em 1888 o gesto mais espetacular de desafio ao antigo regime, ao atirar aos pés do Ministro da Guerra a espada que devia erguer em saudação, provocando enorme escândalo.

Depois, recusa desastrosamente posições de relevo que Floriano Peixoto lhe oferece.

Denuncia em *Os Sertões* a ação das tropas republicanas em Canudos e, sem abdicar de seus ideais, não perdoa os erros dos novos senhores do poder.

Talvez nenhum outro escritor brasileiro tenha a vida e a obra mais intrincadamente associadas à República do que Euclides da Cunha. Desde seu primeiro gesto de protesto político, quando ainda estudante, até sua obra-prima, *Os Sertões*, passando pelo seu casamento, que terminaria em tragédia, tudo tem ligação, direta às vezes, indireta outras, com a queda da monarquia e a implantação do regime republicano, no fim do século passado, durante um dos períodos mais tumultuados da nossa História. Se o ato formal de proclamação da República ocorreu num ambiente de espantosa "normalidade", deixando a todos perplexos, como se a monarquia estivesse caindo normalmente como um fruto maduro, o período que se seguiu foi, pelo contrário, marcado por agitações e violências.

Depois de frequentar durante um ano a Escola Politécnica, não tendo sua família recursos suficientes para mantê-lo ali, Euclides transfere-se em 1886 para a Escola Militar da Praia Vermelha, que era na época, ao lado das Faculdades de Direito de São Paulo e do Recife, um dos principais centros de efervescência intelectual. Ali ele vive intensamente a agitação da luta republicana, e é ali que, dois anos depois, ganha notoriedade ainda muito jovem.

Euclides expulso da Escola Militar depois do episódio da espada atirada aos pés do ministro

Em dezembro de 1888, já irritado com as frequentes mostras de simpatia republicana por parte dos alunos da Escola Militar, o governo decide dar uma demonstração de força para fazer sentir que mantém o controle da situação. Para promover uma manifestação de disciplina por parte dos cadetes, programa uma visita do Ministro da Guerra, Conselheiro Tomás Coelho, à Escola, quando ele deveria passar em revista

o corpo de alunos, durante uma parada solene no pátio do quartel. Coincidentemente, anuncia-se na mesma ocasião o retorno da Europa do propagandista republicano Lopes Trovão, que os cadetes pretendiam ir receber. Assim, a data da visita do ministro é cuidadosamente escolhida também com a intenção de impedir os alunos de realizar outro ato de rebeldia. Essa circunstância serve para acirrar ainda mais os ânimos.

O Marechal Rondon, colega de Euclides nessa época e que a tudo assistiu, muitos anos mais tarde recordou a cena. Vale a pena transcrever, rapidamente, o essencial desse depoimento: "**De repente, um frisson imenso, de espanto, pelo imprevisto e inesperado do ato, correu de um extremo a outro das colunas que estavam gozando o aspecto marcial que o plácido conselheiro se esforçava por imprimir àquela cena militar (...)** Havia sido Euclides que não se pudera conter diante daquela encenação da revista passada pelo conselheiro e que, tomando-a muito a sério, resolvera lavar o seu protesto contra o que interpretou como um propósito de humilhação à face da Escola. O protesto é conhecido: uma espada que se devia abater em continência é atirada aos pés da pacífica autoridade, depois de vergada num esforço nervoso que a tentara em vão quebrar."

No clima de agitação da época, o gesto de Euclides tem grande e imediata repercussão na Imprensa e no Parlamento. Ele é logo enviado à enfermaria sob o pretexto de que, esgotado, perdera o controle dos nervos, forma que o governo encontra para tentar minimizar o incidente. Mas Euclides não se dobra, recusando-se a se considerar doente. É então submetido a Conselho Disciplinar. Não pede clemência aos juizes, mas pelo contrário

declara suas convicções republicanas, e é expulso do Exército a 14 de dezembro.

Euclides parte para São Paulo, onde recebe o apoio e o estímulo dos republicanos agrupados na então **Provincia de S. Paulo** — hoje **O Estado de S. Paulo** — e já a 22 de dezembro publica seu primeiro artigo com o título geral de **Questões Sociais** e o subtítulo **A Pátria e a Dinastia**. Ao mesmo tempo, prepara-se para prestar novos exames na Escola Politécnica, onde reingressa no curso de Engenharia Civil em princípios de 1889.

Embora continue ligado à causa republicana, não participa da conspiração que dentro em pouco derrubará a monarquia. Ao sair à rua no dia 16 de novembro de 1889, no Rio, surpreende-se com a agitação na cidade. É só então, um dia depois, que fica sabendo da Proclamação da República. Passado o instante de perplexidade, procura inteirar-se do que ocorre, no que é ajudado por Edgar Sampaio, também republicano e seu colega na Politécnica. Sampaio é sobrinho de um dos mais curiosos personagens daqueles acontecimentos, o Major Sólton Ribeiro, republicano ardoroso, que tivera entre outras a missão de espalhar boatos pela cidade, com o objetivo de desnortear o governo e facilitar a tarefa do Marechal Deodoro. Foi ainda o Major Sólton o encarregado de entregar a D. Pedro II, em mãos, a intimação para abandonar o território nacional.

Para inteirar-se do que ocorre, Euclides vai com Edgar Sampaio, no dia 16, à casa do Major Sólton, onde é recebido com entusiasmo pelos republicanos vitoriosos que ali se encontram, pois todos se lembram do seu gesto atirando a espada aos pés do Ministro da Guerra do Império. Integra-se assim rapidamente ao grupo que ocupa o primeiro plano da cena no novo regime. Por ato do governo provisório, a 19 de novembro é reintegrado no Exército e o próprio Deodoro recebe Euclides, fazendo questão de lembrar seu ato de rebeldia na Escola Militar.

Lourenço Dantas Mota